

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

# PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 20 DE JUNHO DE 1904

NUMERO 33



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—A PRISÃO DOS ESPÍOES COREANOS

Desenvolve-se uma espionagem monstruosa nos campos de operações e se por vezes os espíões são indivíduos mercenários, que com a mira no lucro vão expôr-se aos perigos, outros são officios dedicados que partem para esses pontos diffíceis no intuito de bem servir a sua patria. Ainda ha pouco tempo dois officios japonezes disfarçados em mercadores chineses exerciam em Kharbins uma aturada espionagem, enviando aos seus nos custos das mercadorias d'uma bella singular maneira. Para a transmissão das noticias os japonezes usavam a linguagem dos fructos, isto é, substituiram um alfabeto como o das flores e d'este modo conseguiram fazer com verdadeira precisão as informações.

Apanhados em flagrante, foram condemnados summariamente, mas os seus nomes ficaram

como um exemplo. Não succederá outro tanto com os espíões coreanos que ardeam de ser presos em Seul.

Eram indivíduos mercenários conhecedores dos caminhos e da lingua japonesa, typos de poucos escrúpulos que apenas pelo dinheiro buscavam descobrir as marchas e os intuitos das columnas japonezas para se delatarem nos russos. Sendo surpreendidos tambem em flagrante, foram interrogados e confessaram o seu crime. Não se instaurou conselho de guerra, não se sujeitaram a nenhuma formalidade; collocados em frente da columna, um official quizimo-lhes os motivos.

Isso porém não obstará a que outros continuem n'esse mister, ganhando uns *penas*, mas expondo-se a morte certa desde que sejam surpreendidos.

# CHRONICA

## A representação do logar

Ainda ha bem pouco tempo ouviamos a alguem, que muito estimamos e que muito admiramos, uma phrase que nos abria um novo horizonte da vida: a representação do logar.

Tratava-se da Russia e do Japão, d'esses dois povos que hoje se degladiam, d'essas raças que se defrontam, do amarello em face do branco, do velhissimo leão de garra aberta para o moderno cão que se vae transformando em matreiro lobo.

E dizia essa pessoa, com a sua maneira elegante e com o seu ar gravemente amigo, que os generaes russos tinham até aqui representado o logar com as suas dragonas, com os seus galões, com as suas barbaças cofiadas com petalancia e com amor, espantando o mundo mais pelo nome da sua nação que Catharina II reedificou, do que pelo valor real d'essa Russia cahida aos pedaços, desmorrada pelo autocratismo, descosida pela extensão do territorio que não a deixa concentrar o labor dos seus filhos n'um dado ponto, para a emancipação, para o triumpho, para a victoria definida e marcada em face da Europa e de que necessita para manter o seu renome, e de que carece em absoluto para aguentar na balança universal o prato que lhe cabe.

Com o caso que esse homem intelligente nos fazia notar apparece bem o motivo do desequilibrio na Russia dos grandes commettimentos, dos nihilistas que vivem annos n'um subterraneo, dos gelos e da fama.

O general russo cofia o bigode e atarracha no peito as medalhas, dá jantares, bailes, vae ao paco do czar, usa dragonas bordadas e anda n'um coche dourado, vive a collocar umas almofadas sob a farda a atirar-se, inactivo na guarnição, glorioso de pompa nos saraus.

Os generaes japonezes tem um constante labor e facilidade d'ação: vieram de baixo, nasce-

ram das massas, fizeram-se nas guerras, ante os inimigos, conquistaram condecorações sob o fogo, tomaram bandeiras nas metralhadas, fizeram-se chefes a valer, chefes sem desanimo capazes de morrerem de canceira, promptos a dór, ao sacrificio das mulheres e dos filhos, com a condição que a sua patria vença e receba a glorificação que a impôrã ao mundo. Uns representam o logar, os outros exercem-no a valer.

Isto não quer dizer que falte bravura mesmo aos primeiros, mas nos ultimos vê-se um nucleo de batalhadores, de heroes sem medo e sem hesitações, promptos ao sacrificio na anciedade legitima da victoria.

Os japonezes impõem-se, não representam o logar. Lembrem aquelles auctores que entram nos mercados com um verdadeiro successo nas suas malas, que entram com o pé direito apesar dos jornaes os agourem perdidamente com apupos e *muchas cosas más*.

No fundo é assim e o Japão deve vencer.



A EGREJA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS.—SENHOR DOS AFLICTOS, ESCULPTURA DE SIMÕES D'ALMEIDA



A EGREJA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS.—ALTAR MÓR E QUADRO DE JOSÉ MALHOA

Elles trabalharam, durante annos aperfeiçoaram a sua artilharia, durante tempos tiveram officios europeus, seguiram com paciencia de aranhas as manobras militares, enquanto os outros representavam simplesmente o seu logar!

E d'ahi as derrotas dos russos, d'ahi os quinaes no grande imperio moscovita que faz dizerem tokiano d'espirito meio garoto á parisiense:

— Ah! como a cigarra cantaste pois, dança agora!

D'um lado a pose, do outro a modestia; d'um lado a farronca e o alarde, o ar de quem açambarca este mundo, do outro a modesta fama de quem se fica desde que faça a justiça; e, no emtanto, agarram-se á unha, uma porque representava o seu logar, a Russia com os marechales de dourados nas fardas, outra porque o exercia a valer e agora o prova.

Os resultados chamão-se Yalu, Kinchen e o cerco de Porto Arthur!

A representação do logar é pois um facto que tem o valor d'um dogma.

Ha tempo certo director geral, bem recostado na sua poltrona e vestido de ponto em branco para uma rece-

ção, assignava o expediente gravemente, emperdigado e serio. Como representava o logar assignava sem ler, por alto, garatujando o seu nome muito á pressa. Ora deuse o caso do empregado encarregado de levar os papeis á assignatura ter recebido uma carta da dama dos seus sonhos onde vinha a resposta a um ousado pedido o qual appareceu rubricada pelo director geral que fóra escrevendo o nome por ali fóra em todos os papeis desde o da correspondencia até ao de mata borraõ.

Depois ha bacharéis que representam o logar sobrançando lyros, escriptores que representam o logar á porta das luvarias, pretendidos homens d'espirito que estudam as piadas, mulheres galantes que representam o logar apparecendo todos os dias nas ruas, sportmans que atravessam a cidade carregados com *raquettes* e até actores que apesar do officio só servem para representar... o logar.

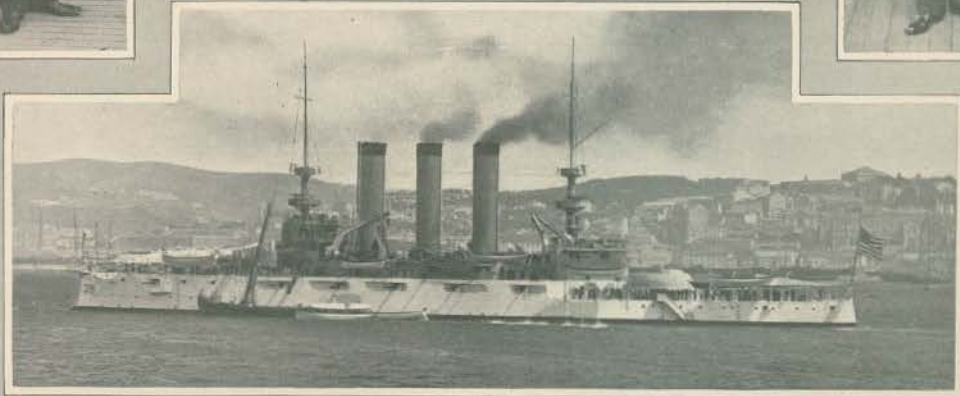
Mas já se não pode dizer o mesmo dos fiantes que nos ultimos tempos tem andado endiabrados; esses não representam o logar, exercem-no e senão veja-se o numero de facendas distribuidas nos ultimos dias; tomam ao vivo a missão de anavaldores e não se limitam ao trajo, ao alarde, á figura.

Por isso tambem se vê que representam o logar tem por vezes vantagens pelo menos para os que costumam passar pelos bairros onde a malta vegeta a afilar a navalha para ter uma desculpa deante do magistrado no dia do julgamento como aconteceu com certo faia de nomeada:

— Senhor juiz eu estava ali á esquina a limpar a folha da faca e veiu este senhor e espetou-se! Já vê que não tive a culpa...

E como o juiz tambem representava o logar, de beca, rigidez e aros severos, o homem foi mandado em paz, o que Deus queira não succeda muitas vezes para bem da nossa moral e das nossas... bar-rigas!

ROCHA MARLINS.



À ESQUADRA AMERICANA NO TEJO

CAPITÃO LEUKE COMMANDANTE DO CRUZADOR «MAINE»—CRUZADOR «KEARSARGE», NAVIO CHEFE—O ALMIRANTE BARKER, COMMANDANTE DA ESQUADRA—CRUZADOR «MAINE»—  
—NA COBERTA DO «MAINE»—OFFICIAES A BORDO DO «MAINE»—A BALDEAÇÃO A BORDO DO «MAINE»—O CRUZADOR «ALABAMA»—O CRUZADOR «IOWA»

A estada da esquadra americana em Lisboa representa um grande estreitamento de relações entre Portugal e a America, esse novo país dos grandes committimentos que hoje se impõe as velhas nações europaeas. A America tem a historia do filho que passa os progenitores. Ella descobriu-se, cresceu, achou aza e realizou prodizios, enquanto a Europa a via, com jocosos. Monroe disse: A America é para os americanos, mas, no entanto, ella, nação nova e hospitalar, recebe todos aquelles que para lá vão na sociedade de poderem servir com dedicação, de realizarem a fortuna que soham ao partirem para esse paiz onde a industria realisa hoje as maravilhas dos outros orientes.

Muitos dos nossos compatriotas, sobretudo os liheas, servem na armada americana, não sendo por isso raro encontrar marinheiros d'essa nação que nos surpreendem ao falarem portuguez. Em St. Francisco da California é encara a colonia portugueza que publica um jornal redigido no nosso idioma, do qual recebemos, por vezes alguns numeroes. Na Luisiana a colonia franceza e tambem numeros e ali d'ocaz regios vive-se com aquelle desalogo que Jules Hauei no seu livro sobre a America da nascer da vertigem da velocidade. Na America não se pára, com recio d'um esmagamento d'ahi e caminhar-se sempre, d'ahi a prosperidade da extraordinaria nação.



O CLASSICO S. JOÃO

O S. JOÃO DA LENDA—NA FONTE—OS APITOS DE BARRO—AS FOGUEIRAS DE S. JOÃO—OS MANGERICOES—BICHINHAS DE BARRAR—UM BAILARICO EM HONRA DO SANTO

S. João Baptista foi o precursor de Jesus, uma espécie de propheta que calava no animo dos israelitas, e que agraciava ao seu filho messianico. Viria nos campos, vestia de pelles de camello e comia mel silvestre e gafanhotos, declarando sempre ao seu audiente que após elle viria outro mais forte diante do qual não era nem mesmo digno de ajoelhar. Aconteceu que Jesus veio encontrar-o e por elle foi baptizado no Jordão; enquanto o mestre seguia o seu caminho de libertação, o Baptista encontrou e abraçou Herodes que desejou ouvi-lo.

O delegado das romanas na Judia vivia com Herodias, mulher de seu irmão Philippe, e o precursor disse-lhe ao vel-o em tal maneiha: «Não te é lícito viver com a mulher do teu irmão.» Logo o abraça e mandou prender em escuro carcere, mas cheio de recursos escutava-o por vezes e separava-se da sua docta palavra. Porfim Herodias jura-lhe perdão e solicita sempre a cabeça do propheta, que o marido lhe negou até ao dia em que Herodias, dando na sua frente a'um festim tanto agradao ao preter que elle lhe disse: «Pede-me o que quiseres.»

E ella pediu a cabeça de S. João Baptista, que lhe foi entregue a'um prato de ouro. Assim viveu e morreu o propheta que o hoje um dos tantos mais populares e mais poeticos de Portugal.



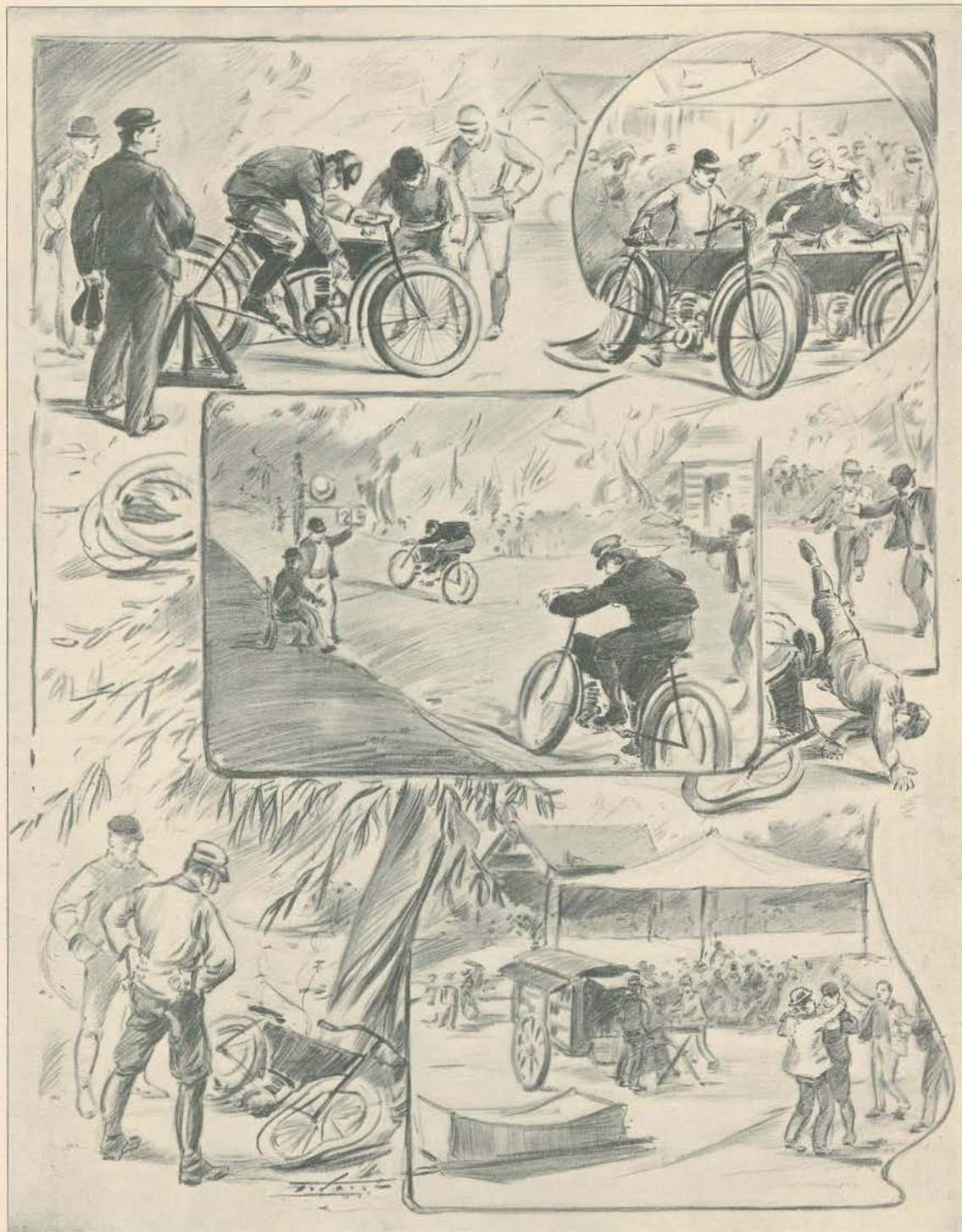
A CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA EM S. ROQUE

S. João, o que tem uma lindíssima lenda de monras encanadas que vão pela noite acima, a' este caldo e doce mez de junho, poutar-se nas fontes, tem ainda um culto, um bello culto que não chega ao emtanto ao que teve nos tempos de D. João V. O monarcha, que pela opulencia queria deslumbrar a Europa e fazer perder ao Vaticano peccados que lhe atormentavam a consciencia superstitiosa, mandou erigir a capella ao seu patrono e deslumbrou os jesuitas de S. Roque ao presental oa com semelhantes offerenda.

Todas as capellas do convento tinham n'essa epoca o seu protector e só a de S. João Baptista estava abandonada. Quando o rei teve conhecimento do facto, disse que seria elle o seu devoto, visto que tinha o nome de Santo.

Mandou então fazer o risco da capella em Roma pelo architecto Vanzivestelli e que importou, allora os paramentos, e' um milha de cruzados. Além d'isso, armada dentro da basilica de S. Pedro, Benedicto XIV disse n'ella missa e recebeu outro milha de cruzados, além d'um caliz de ouro de primoroso lavor, cravado de brillantes e do valor de quarenta contos. Então foi desmanhada de novo e trazida para Lisboa por Alexandre Ginesty sendo logo collocada na igreja de S. Roque onde ainda se conserva sendo o assento dos que a vêem.

No tempo dos francezes quis se transportar a maravilha para França, mas tendo um operario estrangeiro um velho, Juroi, fez pacer a obra e brados indignados: «Para, não se diga que fui tlo barbaro que estragari obra tão preciosa».



UMA CORRIDA DE MOTOCYCLETAS NO JARDIM ZOOLOGICO, EM VESPERA DE SANTO ANTONIO  
 UMA PROVA—A PARTIDA—NA PISTA—UMA QUINTA—UM FRACASSO—NA AMBULANCIA

Em Inglaterra as corridas de bicycletas são um dos maiores atractivos das multitudes. Entre nós durante algum tempo ellas foram para o povo um verdadeiro divertimento ao qual se ia com enthusiasmo. N'essa corrida realisada domingo no Jardim Zoológico ficou vencedor em toda a linha o sr. Cândido da Silva que, além de ganhar o *match* das tres voltas, ainda recebeu o premio offercido pelo sr. Thieriot, conselheiro da America do Norte, ao concorrente cuja bicycleta obteve maior velocidade.

O torneio foi grandioso e teve enorme concorrencia, notando-se sobretudo grande numero de *apartados*.

A bicycleta foi durante muito tempo o *sport* predilecto de Zola que a sua da sua propria

de todas as manhãs montado no vehiculo para ir a alguma distancia vêr os seus filhos bastardos, que viviam n'um logarejo proximo da residencia do romancista.

E, após essa visita, Zola atravessava as estradas, galgava os caminhos, mettia as pernas verdadeiras e se recolhia a casa à hora do almoço, disposto a um novo passeio que durava até tarde, representando para elle esse exercicio uma coisa necessaria. Era hygiene esse quotidiano passeio em machina.

O primeiro velocipeda appareceu em Inglaterra no anno de 1810 e era, como se imagina, o mais rudimentar possivel, do modelo simples que o sr. Hans Linn apresentou este anno pelo carnaval na Avenida da Liberdade durante os festejos da Associação da Imprensa.



**O CONCURSO ANNUAL DOS ATIRADORES NA CARREIRA DE TIRO EM PEDROUÇOS**— UM ATIRADOR—O GRUPO DOS ATIRADORES CIVIS—OS PREMIOS—ASPECTO GERAL DA CARREIRA—UM ATIRADOR MILITAR

De ha uns annos para cá tem havido um verdadeiro enthusiasmo pelo exercicio de tiro e bastantes individuos se tem matriculado nos grupos de atiradores que, seguindo o velho Club dos Atiradores Civis, se tem ido successivamente formando e apresentando campeões, alguns d'um extraordinario merecimento. Na Suissa os concursos de tiro são como uma religião nacional e é um dos prazeres do mundo onde ha atiradores universalmente celebres que assim seguem a tradição de Guilherme Tell, o qual tinha tal precisão de pontaria que atirava abaixo uma macê collocada

sobre a cabeça de seu filho e sem que o melastasse. Mas o que o grande Tell fez uma vez na vida para se salvar, fazio o por agasta e vezes sem fim o marquez de Niza, collocando uma luçarna sobre a cabeça de sua esposa e derrubando o fructo, o que representa a suprema precisão de tiro. Assim no ultimo concurso de tiro appareceram tambem individuos d'uma grandissima certeza de pontaria e entre elles alguns socios do grupo Patria, que foi o vencedor. O sr. Antonio Ferreira, d'este grupo, fez 47 pontos com 18 balas, cabendo-lhe por isso o premio offerecido por S. M. el rei

que presidia ao bello torneio, o qual se realisou em vespéra e no dia de Santo Antonio.

Concorreram todos os grupos de atiradores e algumas particulares que fizeram magnificos tiros.

O premio de ministerio do reino coube ao sr. Eduardo Aldim, do grupo Patria, recebendo o sr. Alberto Mendonça o premio da direcção geral de infantaria. Disputou-se então o campeonato, cabendo a victoria ao grupo Patria.



A VISITA DE S. M. EL-REI AO NAVIO ALMIRANTE DA ESQUADRA AMERICANA

O almirante Barker recebeu S. M. el-rei no porto do *Kearsarge*, acompanhado pelo sr. ministro da America, enquanto a bella banda do bordo tocava o hymno real. Foi-se então a visita ao magnifico navio, falando sempre S. M. el-rei com o almirante. Os marinheiros estavam a postos, tinham os meteos, sentilhavam as peras, e na tarde azul sobre o azul, rio, fizeram-se saudações durante o *hanch* que o almirante offereceu a el-rei. A esquadra americana veio a Lisboa sem qualquer missão de caracter diplomatico

apenas n'um normal cruzeiro. Mas apesar d'isto, tiveram-se tambem affectuosos telegrammas entre el-rei e o sr. Roosevelt, presidente dos Estados Unidos e da America que escreveu o seguinte: «Washington.—A Sua Magestade o rei de Portugal: Agradeço muito sinceramente a V. M. toda a sua cortezia para comigo e a generosa hospitalidade á nossa esquadra, exprimindo os meus melhores desejos e os do povo americano pela saude e felicidade de

V. M. e pela prosperidade do povo de Portugal. Tão calorosa e tão sincera felicitação representa laços entre os dois países e uma sympathia entre os seus subditos que entre nós tem sido acolhidos com deferencia. A esquadra iria para Marrocos incorporar-se na diviso naval que trata da libertação de Pericardis, captivo dos bandidos marroquinos, no caso de se complicar o incidente, e deixou o Tejo no sabado al meio.





A VISITA DO SR. MINISTRO DA GUERRA À ESCOLA DE SARGENTOS DA REAL CASA PIA DE LISBOA

A AULA DOS SARGENTOS—EXERCÍCIO DE FOGO—AO ERGUER—A DESCARGA—A GYMNASTICA—O TELEGRAPHO—O SR. MINISTRO DA GUERRA COM OS ASSISTENTES —A EXPEDIÇÃO D'UM TELEGRAMMA

A escola de sargentos da Real Casa Pia vem substituir uma velha aula de sargentos que existia no convento de Mafra. Na Casa Pia são os orphãos os educados, os que entrarão no exercito com o seu posto após o exame regimental; em Mafra eram os filhos dos soldados, que estavavam e entravam de seguida na fileira com o seu posto garantido.

A lei n'esse tempo bem clara e terminantemente marcava tal distincção apenas para os filhos dos soldados raras que tivessem servido mais de dez annos no exercito; a lei actual, devida aos esforços do sr. Costa Pinto, provedor da Casa Pia, e à boa vontade do sr. ministro da guerra, representa a protecção aos orphãos de pai e que d'este modo arranjam um cambio na vida.

De resto os estudos são all feitos como nas escolas regimentaes tendo ainda a vantagem da

instrucção theorica, que os alumnos recebem, ser superior à administrada nos corpos de guarda.

O sr. ministro da guerra ficou deveras satisfeito com as manobras executadas pelos alumnos e bem assim pelo serviço telegraphico feito por meio de bandieiras e que bem mostrou o grande desenvolvimento dos rapazes, que d'este modo tomam um bello caminho a seguir.

O sr. ministro da guerra fez expedir pelo telegrapho de bandieiras um telegramma que dizia: «Louvo o curso de sargentos da Real Casa Pia pela sua applicação.»

E isto prova bem quanto os rapazes tem adiantado e quanto é para louvar a iniciativa do illustre provedor.



A FESTA NO ALBERGUE DAS CRIANÇAS ABANDONADAS EM DIA DE SANTO ANTONIO — O BAZAR — AS ALBERGADAS NO BAZAR — O THEATRO — A CAPELLA — A VENDA DAS HENDAS

O Albergue das Crianças Abandonadas apresenta uma obra perfeitamente humanitária, na qual se recolhem os desditosos atirados á rua. É uma instituição no genero da *Œuvre des Petits Filles*, fundada por um antigo operario de Paris, que, tendo recebido um premio n'uma loteria estrangeira, entendeu dar agasalho, pão e roupas aos seus compatriotas infelizes.

O Albergue guarda a maior parte das crianças deixadas ao abandono por essas

ruas, dá-lhes educação e por fim araba por collocal-as em diversos misteres. Tem escolatos parecidos com os da Associação Nacional Franceza e é hoje uma das instituições que mais dizeito tem ao abejo de todos os que sentem no fundo do coração a piedade pelos desgraçadinhos deixados nas ruas e que, de degrau em degrau, de vicio em vicio, chegam ao crime.

E todos os annos elles tem alguns dias de festa pelo Natal, pela Paschoa e

pelo Santo Antonio, S. João e S. Pedro, e que, além de augmentar as receitas do Albergue, é d'uma grande alegria para os pequenitos além recolhidos, que assistem ás recitas no theatro e brincam no jardim onde se realisam as *braves* sempre fornecidas de magnificos premios offerecidos pelas senhoras da nossa melhor sociedade.



A FESTA SPORTIVA NA REAL TAPADA D'AJUDA Á QUAL CONCORRERAM OS OFFICIAES DA ESQUADRA AMERICANA  
 O RECINTO DO TIRO AOS POMBOIS—A LUCTA DO «BOX» ENTRE DOIS MARINHEIROS AMERICANOS NO RECINTO DO TIRO AOS POMBOIS—UM GRUPO D'ASSISTENTES  
 —S. M. EL-REI JOGANDO O «TENNIS»—A BANDA DA ESQUADRA AMERICANA

A banda da esquadra americana tocou algumas peças de musica de veras interessantes durante a festa que correu animada e leve, numeroa magnificas, destacando-se pela originalidade a lucta de box indico jogada por alguns marinheiros americanos. Com uma maestria enorme, fortes, espaldas dos, musculosos, ultravam-se um para o outro sem fugirem as regras do jogo e no meio do silencio da assistencia, como dois bellos obissos, estavam assim alguns momentos e acabavam por se sentar banhados de suor, recebendo entao nos labios, summo de lumbos que outros marinheiros espres-

miam com forza. Apes a lucta houze ainda jogo de pau e tiro ao alvo, alem d'uma ponte de tiro por sembroras, na qual tomaram parte as ex.<sup>tas</sup> sr.<sup>as</sup> condessa do Castro, D. Jesus Salema, D. Maria Boquete e Lady Timon. E era um spectaculo magnifico ver a beutissas das atiradoras collocadas a meio da carreira e desfechando com segurança as suas armas ante os applausos de S. M. el-rei, dos officiaes da esquadra e dos outros circumstantes, que as victoriavam enthusiasmatados ao som da musica da banda de *Kourbege* que tomara lugar junto ao recinto.



A EXPOSIÇÃO DE CRAVOS NO PAVILHÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE HORTICULTURA  
PLANTAS ORNAMENTAES—REGONIAS—FLORES DIVERBAS—OS CRAVOS

Essa exposição de cravos realizada no Pavilhão da Sociedade Nacional de Horticultura é uma das melhores a que temos assistido, não somente pela variedade de exemplares expostos mas ainda pela sociedade que a ella tem concorrido.

O primeiro premio foi conferido ao sr. dr. Amor de Mello, que apresentou uma collecção verdadeiramente interessante.

A idéa da exposição de flores veio de Veneza, onde se faziam grandes mercados nos quais os doges iam escolher os mais bellos dos exemplares para os guardarem durante um anno. Essa recordação, era como um symbolo do amor que Veneza tinha pelas suas flores, era como uma recordação grandiosa, a definir bem o culto do bello n'essa linda terra de maravilhas.



UMA PATRULHA JAPONESA NO CAMINHO DE FANDIAN

Foi perto de Fandian que os japonezes soffreram agora um revés, segundo affirmam os telegrammas. Sabese todavia de positivo que as suas patrulhas travaram por vezes escaramuças com as avançadas russas e que mesmo perseguiram algumas até muito proximo das linhas. Fandian

éa proximo de Mitsukko onde se vão concentrando grandes forças russas para uma batalha que se deve lá ser travando a estas horas o a qual prometto ser bastante importante, attendendo ao extraordinario numero de tropas que estão de lado a lado.



A PESTE NA INDIA—ASPECTOS DA CIDADE DE DIU

TEXTEIRO MERCENÁRIO DE MOURA, GOVERNADOR DE DIU—OS MOSTELOS DE DIU, TIPO DO CELEBRE BALUARTE DO "CALLEJÓN", DO ANTIGO CONVENTO DE S. FRANCISCO D'ASSIS, HOJE HOSPITAL MILITAR AO CENTRO, TICA O RECOLHIMENTO DE SANT'ANNA; À DIREITA O EDIFÍCIO DE S. PAULO, HOJE SE DE DIU E OUTRA O CONVENTO DE JESUITAS AO FUNDO, À DIREITA, O MUSEU ARQUEOLÓGICO, E OUTRO TEMPLO DE S. PAULO. AO CENTRO, PARTE DO BAIRRO DOS CRISTÃOS, À DIREITA, TORRE DAS "POREIAS" DA QUAL SE VEEM OS BARCOS QUE VÃO ANUALMENTE PARA MOÇAMBIQUE—PÉSSIMO SANTIAGO E ADMINISTRATIVO DE DIU NO RECORRIDO D'UMA INSPECÇÃO DOS LUGARES INFECTADOS PELA PESTE BUBÓLICA—MURADA DE BOMBAR E INSPECÇÃO DE BOMBAR E INSPECÇÃO DOS FERTILIZADORES DE DIU NA BARRACA DO ISOLAMENTO —EM TERÇO DA ENTRADA DA PRAÇA DE DIU EM "CONTIGUAÇÃO DA "PUBERTIVA" ENTRADA BENTO CASTELHO E "MOÇAMBIQUE", FERTILIZANTES ARTESANOS DE DIU—MURADO BENTO CASTELHO PARA A TERÇA DE MORTALIDADE E DE FRUTAS EM DIU.

Na Índia a peste bubónica é um flagello tão grande que por vezes os alodios se despojam, são abandonadas pelo terror que os seus habitantes tem ante a grande mortalidade causada pela epidemia.

No Egypto e em todas essas regiões asiáticas os bubões são vulgares e a peste é um caso de

doença de todos os dias. Assim na Índia Portuguesa, onde acaba de haver uma grande mortalidade, o clima e a despez obrigadas por vezes os nossos soldados, ao tempo da conquista e abandonarem as posições, o que não faltam diante das armas inimigas, como succedea com a guarnição de Damão em 1502.



O CAPITÃO DE MAR E GUERRA NAKAU  
Comandante do *Hulagu* da marinha japonesa que foi a pé  
que se no último combate naval em Porto-Arthur.



MR. PERDICARIS  
Subdito americano prisioneiro dos bandidos marroquinos que  
deu lugar ás actuaes reclamações da America ao Sultão.



MR. CROMWELL VARLEY  
O companheiro de Perdicaris tambem prisioneiro dos bandidos  
marroquinos.



AS COLONIAS PORTUGUEZAS:—INHAMBANE

RESIDENCIA DO COMANDO DE MAXIPE—OUTRO ASPECTO DA RESIDENCIA—UMA RUA—OUTRO ASPECTO DA RUA—A RESIDENCIA DO COMANDO VISTA DE FRENTE



O HOSPITAL MILITAR DE LEIRIA



GENERAL VISCONDE DE SANTA MARGARIDA  
Fallecido em 13 de junho



A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. ANTONIA DE ANDRADE  
Mãe dos cantores Andrade, fallecida em 13 de junho



O SR. ANTONIO FERREIRA DO AMARAL  
Riquíssimo proprietario, fallecido em 13 de junho

## CHRONICA ELEGANTE

Para os desprotegidos amarrados á banca do trabalho não chegou ainda o triste periodo do auno em que os privilegiados da fortuna debandam para todos os pontos do paiz e do estrangeiro em busca de ar novo, de distracções, e de saude para o inverno; por enquanto ainda não rarasam muito as fleiras das elegantes que frequentam os logares *chics*, os salões ainda se abrem para os *flood-cloak* e para algumas recepções nocturnas. Mas as brisas de junho já estão atrahindo para Cintra, Estoril, agnas diversas, e dentro em pouco a sociedade elegante terá abandonado a bella Lisboa.

Para ir entretondo a imaginação e a bolsa dos opulentos, a moda vae inventando sempre novidades, sendo nos feitios e nas linhas ge-

raes, pelo menos nos detalhes e nas guarnições que, para *lallettes* de género apurado, são cada vez mais luxuosas e originaes.

As rendas tem ultimamente sido empregadas em tudo e tem havido maneira de as alterar, modificar e enfeitar. Uma das maiores novidades é a *guipure* de seda branca bastante grossa, dispostam medalhões e entremellos *incrustés* no tecido e produzindo uns reflexos prateados de effeito deslumbrante. Estas rendas tem relevos formando flores, estrellas e

pingentes em forma de borlinhas, que cahem da maneira mais graciosa e original. São egualmente muito modernas as tiras e entremellos de linho fino com bordadas a sedas de cores desmaiadas e fios de ouro.

As rendas antigas amarellecidas pelo tempo tem um cunho especial de distincção e bom tom. Com os velhos lenços de applicação de Bruxellas e Inglaterra faz-se uns elegantes *jabots*, prendendo-os só pelo centro de baixo de um broche ou do bico do collarinho e deixando esbir á vontade as quatro pontas.

As compridas *écharpes* de Chantilly ornam da maneira mais sumptuosa os grandes chapéus de genero Imperio.

Em preto vê-se tambem uma renda grossa de seda semelhante á *guipure*, mas *cordée*, formando o fio em rolovo os mais caprichosos desenhos. Esta renda é principalmente empregada na confecção de casacos ou capas de verão ou torço de seda *simple* preto ou do côr e fartas guarnições de folhos em *chiffon plissé*, *ruches*, *coquilles* e laços de fita. Finalmente, as rendas de todas as cores e qualidades são actualmente consideradas como um elemento quasi indispensavel em todas as *lallettes* elegantes.

FIG. 1 — Chapéu Imperio com *écharpe* de Chantilly preto, *drapé* e cabindoatraz.

FIG. 2 — Manteau de verão em *guipure* preto e *plissés* de gaze. Chapéu de palha dourada com pluma branca e preta.

FIG. 3 — Vestido de crepe *Marguise gris* perle guarnecido de *guipure* de seda branca e franjas de borlinhas em torçal branco.



FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3